# Lobato, subúrbio: marco da história do petróleo

Caso a Sphan (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) esteja realmente pensando em tombar o marco da descoberta do petróleo no Brasil, que fica no Lobato, no subúrbio de Salvador, terá muito trabalho para colocar o bairro em dia, para que realmente possa ser um ponto de atração turística, conforme foi recentemente noticiado.

É que o Lobato é um bairro, como outros da região, cheio de carências e nenhuma opção de lazer ou atrativo, segundo revelam os moradores do local. Ele é cortado pela linha do trem — o melhor meio de transporte de lá — e tem uma praia muito suja, que só presta para jogar lixo e catar mariscos e siris, quando a maré está baixa.

**O MARCO** — Evidente que a maioria dos moradores do Lobaro sabem que foi iniciada exploração do petroelo no Brasil, na década de 40. E é ali onde está o único registro do fato, num obelisco localizado na rua do Amparo. Mas poucos sabem informar com precisão, como chegar até o monumento. Por isso, para localiza-lo é necessário rodar um pouco pelas ruas esburacadas, cheias de capim e sem asfalto até que alguém diga o que é e onde está o marco.

Algumas ruas do Lobato, dentro de um plano da Prefeitura e Governo do Estado, estão ganhando, agora, asfalto colocado depois de serviços gerais de terraplenagem. Locais como o Largo do Lobato, onde fica a estação, já ganharam asfalto. Os moradores, no entanto, reclamam. Quando chove ainda alaga, diz Valdir Martins da Silva, uma senhora que mora, na casa nº 61, há 17 anos.

É ela quem garante que não existe, no bairro, nada que possa ser chamado de bom. O lixo se acumula em algumas ruas. No largo, por exemplo, tem uma caixa coletora com pouco lixo dentro e muito em volta. Outro ponto crítico é ao longo da linha. Moradores insistem em jogar lixo e não se acaham quando são vistos fazendo isso.

Ezilda Silva Santos, da Travessa Elisângela, é uma dessas pessoas. Acha que jogar o lixo na praia, (por sinal imunda não só pelo esgoto como pelos restos atirados), "é melhor do que jogar na beira da linha".

**SIRIS** — Provavelmente, os homens, mulheres e crianças que ficam catando siris e mariscos na beira da água poderão ser personagens de muitas fotos turísticas. Eles fazem isso toda vez que a maré baixa e formam belo quadro. Januário Xavier, funcionário público, diz que economiza muito com esta prática. Com um saco contendo perto de meio quilo de marisco — nos cálculos dele — afirmava que é muito melhor do que a carne de boi.

O pedreiro Antônio Neves, catador de siri, é outro que todo dia está na praia, quando a maré baixa, catando. E não acha que a sujeira e a poluição sejam prejudiciais à saúde. Para ele, era pior quando funcionava pelas redondezas uma fábrica de água sanitária.

Uma característica do Lobato é o grande número de crianças nas ruas. As casas, pelo menos a maior parte delas, não passam dos dois quartos (no máximo), sala, cozinha e banheiro. Algumas podem ser compradas até por Cr$ 50 mil, garante o pintor Dilson Magalhães Oliveira, morador da rua São José, que apresenta um córrego pequeno de água de esgoto correndo ao céu aberto.

**MELHORIAS** — Ninguém reclama do trem, um meio de transporte muito bom, segundo Valdir Martins, que deixa os usuários, em cinco minutos no centro da cidade. Mas a Ypiranga, empresa de ônibus que serve o Lobato, é muito criticada.

Por ser o único marco da história de exploração do petróleo no Brasil, o SPHAN cogitou fazer daquele ponto, local de atração turística e o tombamento do marco. Mas, ainda dependerá de estudos neste sentido. O morador Januário Xavier diz que será uma ótima idéia, caso consigam tirar das imediações os ladrões e marginais que fazem ponto na rua do Amparo.

Valdir Martins, assim como Zeni Martins da Silva da casa 49 do largo do Lobato, também aprovaram, considerando que, dessa maneira, poderão surgir melhoria que facilitem a vida dos moradores do bairro.